Sistema de Produção de Algodão Agroecológico no Agreste Paraibano

WANDERLEY JÚNIOR, José Sales Alves. EMATER/PB, josesawjunior@yahoo.com.br; SILVA, Melchior Naelson Batista da. melchior@cnpa.embrapa.br; SANTOS, Fabiana Do Nascimento. fabianareia@yahoo.com.br; SANTOS Izabel Cristina da Silva. iziagro@yahoo.com.br.

Resumo
A cultura do algodão é importante para a economia nordestina, pois gera milhares de emprego. Esse trabalho tem como objetivo identificar e avaliar as estratégias utilizadas na produção de algodão orgânico em sistemas agroecológicos. O trabalho foi desenvolvido em condições de campo na comunidade Gabinete, Remígio – PB, ano de 2008. Foram acompanhadas nove áreas de cultivo de algodão agroecológico e monitoradas as seguintes etapas do sistema de produção: preparo do terreno, época de plantio, uso de produtos naturais e colheita do algodão agroecológico. O uso da tração animal é uma prática que valida o manejo agroecológico. O plantio das áreas foi iniciado em maio chegando até o início de julho. As estratégias agroecológicas para controlar o ataque das formigas cortadeiras e lagarta rosada foram: uso de folhas de nim e uso das folhas da maniçoba. A tração animal, época de plantio, uso de produtos naturais e a colheita manual são estratégias agroecológicas na produção de algodão orgânico.

Palavras-chave: agricultura familiar, manejo Agroecológico; produtos naturais.

Contexto

As práticas de manejo em um sistema de produção são otimizadas através da relação das espécies encontradas, fazendo com que os tratos culturais sejam minimizados e unificados (SILVEIRA et al, 2002). Para isso os agricultores fazem uso de técnicas baseadas em observações feitas por eles próprios onde procuram utilizar os biofertilizantes e fazer o manejo agroecológico, levando em consideração o espaçamento entre plantas adotado e a época de plantio (WANDERLEY JÚNIOR, 2006).

Na produção de algodão agroecológico algumas práticas são fundamentais como: plantio em nível e em consórcios com culturas alimentares, uso de cultivares de algodão adaptados, adubação com esterco quando possível adubação foliar com calda nutritiva ou biofertilizantes, catação e destruição dos botões florais caídos; controle biológico e destruição dos restos culturais (ESPLAR, 2006).

A tecnologia para a agricultura familiar deve ser simples, popular e basear-se nos seus próprios sistemas de produção, dando ênfase aos recursos locais e nativos. O desenvolvimento da agricultura familiar deve começar com o conhecimento das necessidades dos produtores e da forma como eles as percebem (SAGRILO et al, 2002).

A multiplicação de estratégias validando-as ainda é um desafio, uma vez que os agricultores necessitam de estudos e pesquisas que consolidem essas experiências. Esse trabalho tem como objetivos de identificar e avaliar as estratégias utilizadas na produção de algodão orgânico em sistemas agroecológicos no Agreste paraibano.

Descrição da Experiência

No ano de 2005, a partir das experiências dos agricultores familiares de áreas de Assentamentos no município de Remígio-PB, a Embrapa Algodão e ONG ARRIBAÇÃ iniciaram um projeto chamado de “Escola Participativa do Algodão”, que tem como objetivos: validar o conhecimento dos agricultores familiares, trazendo-o para a pesquisa participativa proporcionando o surgimento de um novo conhecimento adaptado para cada realidade e autonomia dos agricultores em relação

ao cultivo do algodão; melhorar a renda dos agricultores através de práticas produtivas sustentáveis pautadas na valorização do conhecimento local.

O trabalho foi desenvolvido na comunidade Gabinete pertencente aos assentamentos: Queimadas e Oziel Pereira, Mesorregião do Agreste da Borborema da Paraíba, no ano agrícola de 2008. Foram acompanhados nove agricultores e suas respectivas áreas de cultivo de algodão agroecológico. Para a identificação das estratégias de produção foram monitoradas as seguintes etapas do sistema de produção: preparo do terreno, época de plantio, uso de produtos naturais e colheita. Para isso foram acompanhados agricultores familiares os quais receberam visitas nas áreas produtoras de algodão. As informações foram adquiridas através de entrevistas em campo por meio de questionários semi-estruturados. Tais entrevistas foram realizadas pautadas no caráter participativo de cada agricultor.

Nesse trabalho estiveram presentes agricultores experimentadores, técnicos de organizações não governamentais e estudantes de graduação. Os dados obtidos foram avaliados quantitativamente pelo método da Estatística Descritiva e os dados qualitativos pelo método de Distribuição de Frequência.

Resultados

Verificou-se que o processo de transição agroecológica das unidades de produção familiares está avançando e sendo consolidado na região. Dentro dessa proposta estão sendo realizadas oficinas de capacitação em manejo agroecológico das unidades de produção, controle alternativo de pragas, uso de produtos naturais, discussão sobre o processo de certificação e comercialização, visitas de intercâmbios como uma metodologia de formação e construção do conhecimento.

Após as visitas realizadas nas áreas produtoras de algodão a estratégia agroecológica verificada no preparo do terreno pelos agricultores foi a tração animal. Com isso, observa-se o cuidado com o solo minimizando o processo de compactação. Alguns agricultores utilizam o trator para o preparo inicial das áreas e logo em seguida continuam o manejo da semeadura, e capinas com tração animal. Na Figura 1. observam-se as formas de preparo do solo para o plantio de algodão agroecológico no agreste paraibano.

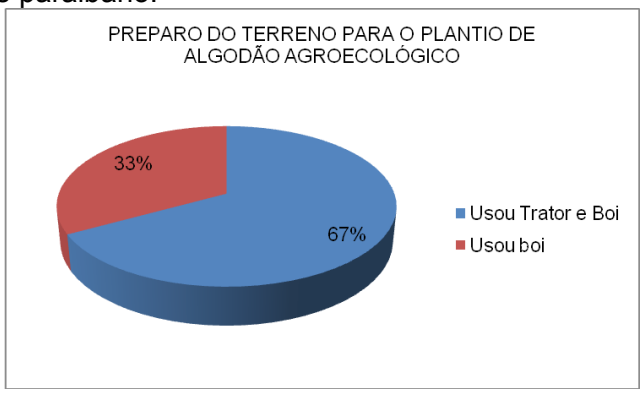

FIGURA 1. Porcentagem de agricultores que prepararam o terreno com boi ou com boi e trator.

Dos agricultores entrevistados 33% utilizaram o boi para o preparo do terreno e 67% utilizaram o boi e o trator para o preparo da área. O uso da tração animal é uma prática que valida o manejo agroecológico (WANDERLEY JÚNIOR, 2006), já que a mesma não causa compactação quando comparado com o uso de trator Na figura 2 observam-se os meses de plantio do algodão agroecológico.

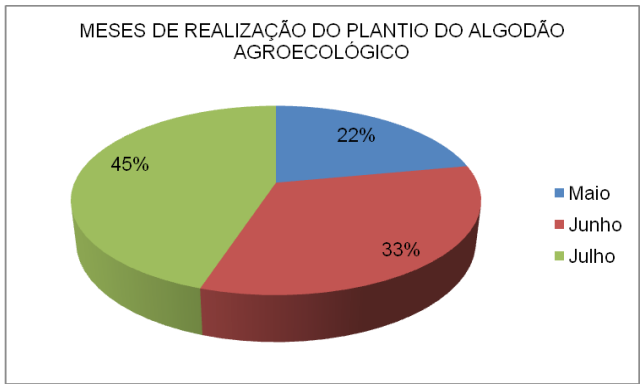

FIGURA 2. Porcentagem de agricultores familiares produtores que realizaram o plantio nos meses de maio, junho e julho.

O plantio das áreas foi iniciado em maio chegando até o início de julho, onde 22% plantaram em maio, 33% plantaram em junho e 45% plantaram em julho. Essa é uma estratégia utilizada para evitar o ataque de pragas, uma vez que, quando o algodão iniciar sua fase de produção coincidirá com o período seco, desfavorável para o ataque das pragas principalmente do bicudo do algodoeiro (*Anthonomos grandis*). No desenvolvimento da cultura do algodão agroecológico foram identificadas algumas pragas como formiga cortadeira e lagarta rosada (*Pectinophora gossypiella*). Observa-se na Figura 3. a percentagem de agricultores familiares que utilizaram produtos naturais na sua área.

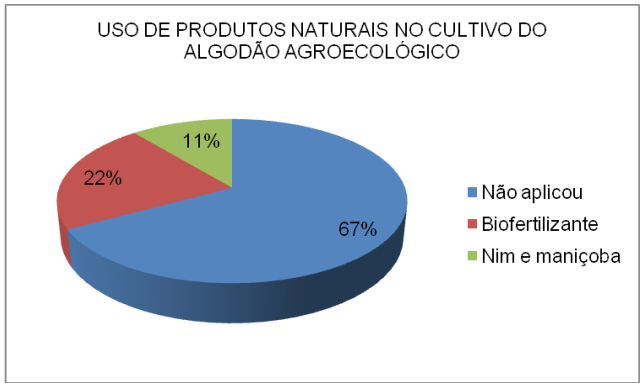

FIGURA 3. Percentagem de agricultores familiares produtores que aplicaram produtos naturais na área plantada.

As estratégias agroecológicas observadas para controlar o ataque dessas pragas foram: uso de folhas de nim (*Azandirachta indica*) e de maniçoba (*Manihot glaziovii* Muell Arg) para controle de formiga. Essas estratégias têm uma grande relevância, uma vez que não há dependência de agrotóxicos e consequentemente a não contaminação do meio ambiente nem dos agricultores. Ainda na fase de desenvolvimento da cultura, foi identificada outra estratégia: o uso de biofertilizantes. O biofertilizante é um produto natural que os agricultores elaboram em suas propriedades, aplicam nas áreas para melhorar a nutrição da planta e para afastar as pragas. Esse produto é um dos resultados práticos do processo de formação realizado nas áreas trabalhadas.

No processo da colheita, foram identificadas duas estratégias agroecológicas. Uma é a colheita realizada manualmente em sacos de algodão, onde os agricultores efetuam uma primeira seleção priorizando o algodão de melhor qualidade, livre de impurezas. Outra estratégia é a época da

colheita a qual é importante para a obtenção de bons resultados no beneficiamento, por isso se deve procede-la nos meses que apresentam altas temperaturas e pouca incidência de chuva. Na Figura 4, observam-se os meses adequados para a colheita do algodão com a percentagem de agricultores que colhem nesses meses.

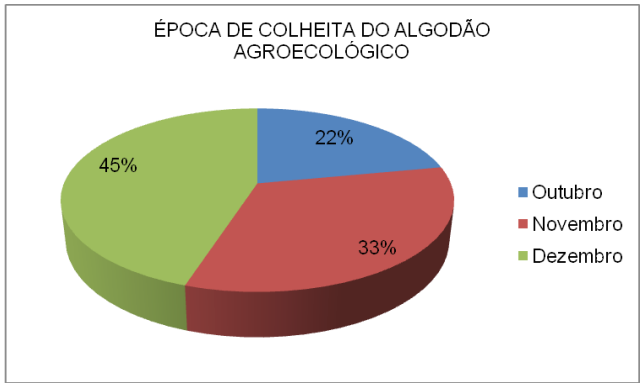

FIGURA 4. Percentagem de agricultores familiares produtores que iniciaram a colheita nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro.

Na região trabalhada esses meses possuem baixos índices de pluviosidade, favorecendo assim, uma melhor colheita do algodão, isento de umidade na fibra e obtendo-se melhores rendimentos de pluma no beneficiamento.

As práticas do sistema de produção de agroecológico foram identificadas a partir da valorização, troca e construção do conhecimento contextualizado a realidade local de cada comunidade/assentamento.

Referências

ESPLAR. Centro de Pesquisa e Assessoria. *Consórcio Agroecológico* [2006]. Disponível em: <www.esplar.org.br >. Acesso em: 10 abr. 2009.

SAGRILO, E. et al. *Agricultura familiar* [2002]. Disponível em: <http://sistemasdeproducao .cnptia.embrapa.br/FontesHTML/AgriculturaFamiliar/RegiaoMeioNorteBrasil/importancia.htm>. Acesso em: 25 nov. 2006.

SILVEIRA, L. et al. *Agricultura familiar e agroecologia no semi-árido: avanços a partir do Agreste da Paraíba*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002, 356 p.

WANDERLEY JÚNIOR, J.S.A. *Experiências para Produção de Algodão Herbáceo em Sistemas Agroecológicos Familiares no Curimataú Paraibano.* 2006. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal da Paraíba, Areia. 2006.